

Brasil lidera ranking de mortes de ambientalistas

Com 49 assassinatos em 2016, país está no topo de lista de ONG

SÉRGIO MATSUURA
sergio.matsuura@oglobo.com.br

Relatório divulgado ontem pela ONG britânica Global Witness revelou que ao menos 200 ambientalistas foram mortos no ano passado em 24 países, um recorde desde que a contagem começou a ser feita, em 2002. Assim como em anos anteriores, o Brasil aparece no topo do ranking, com 49 assassinatos, sendo a maior parte relacionada a disputas por terras com grileiros e madeireiros em estados da Amazônia. A organização alerta que, enquanto o número de assassinatos aumenta, o governo brasileiro está "retrocedendo na proteção de defensores ambientais".

"A luta implacável pela riqueza natural da Amazônia torna o Brasil, mais uma vez, o país mais letal do mundo", aponta a ONG. No mundo, o relatório informa que conflitos relacionados com a mineração e a exploração de petróleo são os mais perigosos para os ambientalistas, com 33 mortes. Os conflitos com madeiras aparecem em segundo lugar, relacionados a 23 assassinatos, junto com o agronegócio. Caçadores provocaram a morte de 18 ativistas, e sete morreram por pro-

blemas relacionados à construção de barragens.

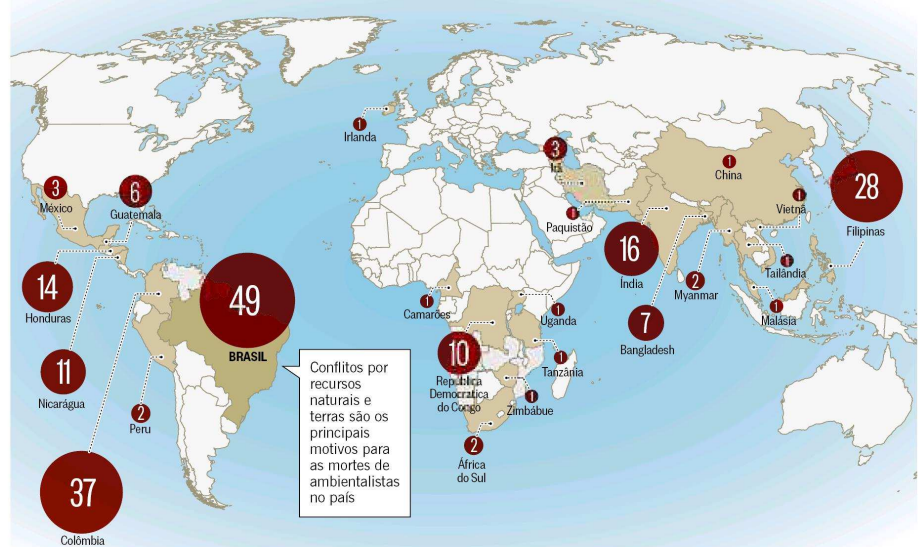
No Brasil, a ONG identifica o conflito com exploradores de madeira como o pior problema, com 16 mortes, além de "um crescente número de ativistas que lutam contra a expansão do agronegócio e seu poderoso lobby no governo". O desmonte dos órgãos de defesa dos ativistas, aliás, é citado no relatório, sobretudo após a posse do presidente Michel Temer. Logo após assumir, Temer extinguiu o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.

"Muitas organizações sugerem que os conflitos só podem ser resolvidos pela implementação da política de reforma agrária estabelecida na Constituição brasileira", aponta o relatório. "Entretanto, a forte influência da elite rural sobre a política nacional, que tem aprofundado a atual crise política, tem impedido que isso aconteça. Enquanto isso, a violência aumenta".

Dados compilados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) indicam que 2017 será ainda mais violento para os ambientalistas. Até junho, foram contabilizados 46 assassinatos.

MORTES DE ATIVISTAS POR PAÍS EM 2016

TOTAL GLOBAL DE 200 ASSASSINATOS É O MAIOR JÁ REGISTRADO POR ONG



Fonte: Global Witness

Editoria de Arte

— Este ano está assustador — comenta Jeane Bellini, da coordenação nacional da CPT. — Antes, parecia um extermínio seletivo, mas agora estão ocorrendo muitas chacinas, casos brutais.

Segundo Jeane, os três estados com maior número de assassinatos de ativistas são Pará, Rondônia e Maranhão, mas os casos de violência se espalham por todos os estados da Amazônia. Ela aponta o agronegócio como principal causador de mortes no campo.

— O problema está na cobiça e na preguiça do agronegócio — afirma a ativista. — Em outros países, busca-se ampliar a produtividade da terra. Aqui não, é mais fácil ocupar outras áreas. A receita é avançar em novos territórios, derrubar, plantar e explorar até esgotar, e arrumar mais localidades.

Coordenadora do Programa

de Políticas e Direitos do Instituto Socioambiental, Adriana Ramos, por sua vez, diz que o grande número de mortes de ambientalistas registrado no Brasil reflete tanto o recrudescimento das disputas por recursos naturais, que vitima principalmente lideranças indígenas, quanto a sinalização de Brasília de que os conflitos no campo devem ser "resolvidos à bala".

— O movimento dos grandes setores econômicos e seus representantes no governo e no Congresso estimula o embate e a violência — avalia. — Escuto de deputados reafirmações de preconceitos, dizendo para os donos de terras se armarem para se defenderem, e acaba que os conflitos são resolvidos desta forma, à bala.

Adriana também criticou a recente sanção de uma medida provisória que facilita a regularização fundiária de terras

públicas invadidas por grileiros, outra grande causa de conflitos no campo.

— A presença do Estado devia ser por um ordenamento territorial que seja socialmente justo, mas o que vemos é este tipo de exemplo péssimo que está atuando criminalmente ao legalizar a grilagem e o desmatamento — afirma.

CRIMINALIZAÇÃO DE ATIVISTAS

Além da violência, os ativistas enfrentam a criminalização, alerta a Global Witness. "Os defensores ambientais estão enfrentando cada vez mais ações civis e criminais fabricadas por governos e companhias num esforço de serem silenciados", aponta a ONG britânica. "Esta criminalização é usada para intimidar defensores, manchar suas reputações e trancá-los em batalhas legais custosas".

E o fenômeno não está restri-

to a países em desenvolvimento. Em 2016, a ONU acusou a Austrália de atacar defensores ambientais com ações judiciais na Tasmânia. No Canadá, grupos ambientalistas temem que a nova legislação antiterrorista seja utilizada para intensificar a vigilância. Em Honduras, antes do assassinato da ativista Berta Cáceres, a companhia hidrelétrica que combatida por ela apresentou processo contra a ativista por "usurpação e danos contínuos" à propriedade.

No Brasil, Jeane destaca o caso do agricultor Luiz Batista Borges, ligado ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, que passou mais de um ano preso preventivamente sob acusação de organização criminosa.

— As vítimas estão sendo enquadradas como criminosas, numa reversão cínica de valores — denuncia a ativista. (Colaborou Cesar Baima) ●